

Reflexões sobre a carreira acadêmica do jovem professor em Administração

ANDRÉ LUIS SILVA *

Resumo

Este trabalho discute de que maneira a lógica mercantil das instituições de ensino superior foi capaz de impactar a concepção de carreira acadêmica em Administração do jovem professor. Para realizar esta discussão, são utilizadas questões que orientam a estruturação do texto. Argumenta-se que a relação contemporânea entre professor e instituição de ensino está frágil e superficial. Prevalece o discurso de que a vida profissional é um acordo entre o professor e sua carreira e não entre ele e uma instituição. Embora essa configuração de carreira acadêmica também possa ser perceptível em cenários anteriores, talvez a diferença resida no fato de que ela não era tão evidente no passado.

Palavras-chave: docência; ensino superior; juventude; trabalho.

Reflection about the Academic Career of Young Professor in Administration

Abstract

This paper discusses how the commercial logic of higher education institutions has been able to impact the conception of academic career in Administration of the young professor. To conduct this discussion, questions are used to orient a search for the underlying structure of the text. It is argued that the contemporary relationship between professor and educational institution is fragile and superficial. Prevails the discourse that professional life is an agreement between the professor and his career and not between him and an institution. Although this configuration of academic career can also be noticeable in previous scenarios, perhaps the difference lies in the fact that it was not so evident in the past.

Key words: teaching; higher education; youth; work.



* ANDRÉ LUIS SILVA é Doutorando em Administração de Empresas pela FGV/EAESP.



Jovens professores(as) – Arquivo do autor

De onde partimos?

Em seu primeiro dia como professor, o jovem acadêmico caminha pelo corredor da instituição de ensino em direção a sua sala de aula. Em frente à porta, respira fundo e entra, cumprimenta os alunos, acomoda seu material sobre a mesa e olha para a turma. Lembra-se ali, que além de estar ganhando por cada hora de aula realizada, aquela disciplina não era bem a que gostaria de lecionar, mas teve de “abraçá-la”, afinal é uma circunstância transitória da carreira que está apenas começando. Lá a sua frente, já em farta quantidade, há alunos de olhares curiosos, apreensivos e, por vezes, desacreditados, frente à figura docente – igualmente jovem – que adentrara aquela sala. Instaura-se ali um conjunto de murmúrios. O interesse comum é partilhar com o colega ao lado a

inquietação gerada pela situação. Opiniões, apostas, palpites. Um conjunto de discursos provocado pelo mesmo fato. Mas quando o ainda anônimo professor inicia a sua fala, as conversas paralelas dissipam-se em silêncio. Pois, agora é o momento da ação e, porque não dizer, de ser avaliado por aqueles alunos cujo interesse comum é o consumo de algo. Ao jovem professor resta a única certeza de que a performance apresentada deve proporcionar satisfação à “plateia” e, portanto, será este o critério que estabelecerá o julgamento final.

Esse é o cenário que aparece construído para muitos jovens professores em início de carreira. São profissionais que tem de atender demandas de alunos e de instituições de ensino orientadas pela lógica mercantil. Isto é, pela lógica que

transforma o ensino superior e a busca pela formação oferecida por ele, em um produto, do qual os cursos de graduação compõem um portfólio de ofertas diversificado. Mas chama atenção que essa lógica mercantil impactou especialmente o curso de Administração. Um dos motivos para isso decorre do senso comum quanto a ser este um curso abrangente que pode proporcionar múltiplas facetas e possibilidades profissionais a quem o realiza, por mais que a objetividade do mundo do trabalho aponte que as “melhores” oportunidades dependem mais da situação socioeconômica do sujeito e dos relacionamentos que ele consegue estabelecer (BOURDIEU, 1979), do que propriamente de sua qualificação e intenção em se envolver nesse mundo das prestigiadas oportunidades profissionais.

Outro motivo é que ser um administrador também é algo que exerce certo poder de atração nos jovens, sobremaneira nos últimos tempos, em que os ídolos da juventude também passaram a ser os gestores prestigiados na mídia pelos seus feitos no mundo organizacional. Ao que parece, esse objeto de idolatria, sustentado pelos indivíduos em sua juventude, ganhou aceitação em face da pressuposição de que ser um gestor no mundo do capital não só é um meio para a ascensão e/ou manutenção da condição socioeconômica pessoal, mas, sobretudo, é sinônimo de aquisição de *status* social.

Também há atratividade pela Administração por parte das instituições de ensino, pois enxergam nesse curso de graduação um grande potencial de rentabilidade em face de seu inegável poder de massificação. Algumas características explicam este poder, veja: é um curso facilmente realizado

em aulas de meio período, por mais que haja uma grande concentração de cursos realizados em período noturno; demanda pouco investimento fixo; e não há obrigatoriedade de laboratórios específicos para o desenvolvimento das atividades de ensino que compõem a grade de formação (BERTERO, 2006). Com isso, o curso de Administração – enquanto um produto – ganhou espaço e atraiu rapidamente o interesse de instituições de ensino orientadas pela lógica mercantil. Falar em um curso de Administração, como produto, é praticamente falar em rentabilidade e demanda garantida.

O fato é que não se pode negligenciar que envolvidos em todo esse contexto e lógica mercantil está à figura do jovem professor, a qual certamente tem vivenciado em seu cotidiano profissional, fortes impactos ao ter de lidar com os mais distintos agentes e demandas de mercado para conseguir realizar o seu ofício nesse cenário de mudanças.

Mas onde está a figura do professor?

Apesar da evidente atratividade gerada pelo curso de Administração nos jovens alunos e instituições de ensino, não raro é esquecido que por trás de um curso de formação superior existe a figura elementar do professor. Mas em que momento a figura docente ganhou evidência e os holofotes de atenção, seja lá por quais motivos, no contexto do ensino superior no Brasil? Este momento pode ser encontrado, por exemplo, a partir do período em que houve uma alta demanda por formação profissional no país, ou seja, particularmente, a partir da promulgação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que remonta a segunda metade da década de 1990.

A partir da legislação da LDB emergiram mudanças em termos da quantidade e diversificação da oferta de formação profissional no Brasil. Isto fez com que surgisse, de maneira mais acentuada, a demanda das organizações por trabalhadores mais profissionalizados em meio a um mercado que se fez mais competitivo e exigente. Mas ao passo que às organizações requisitaram mais profissionalização da sua força de trabalho, os indivíduos tiveram de lidar com a necessidade de irem à busca de formação profissional, fosse para sua inserção no mercado ou mesmo para manutenção de seu trabalho. A demanda pela profissionalização tornou-se uma relação partilhada entre indivíduos e organizações, embora por motivos diferentes.

Inusitado é que compilada a demanda constante por formação profissional, especialmente o curso de Administração ganhou visibilidade e agregou um grande volume de novos alunos, pelos motivos já citados anteriormente quanto à atratividade do e pelo curso. Surgiu assim, uma grande oferta desse curso de graduação pelas mais distintas instituições de ensino espalhadas pelo Brasil. Nesse circuito de variedades, fez-se imperativo a conquista e retenção de fiéis clientes-alunos (ALCADIPANI, 2011). Curiosamente, frente a esse contexto demandante por formação profissional, a figura do professor ganhou presença e mereceu ser discutida, embora pareça ter sido por motivos questionáveis. Isto porque o professor só foi objeto de atenção no momento em que as instituições de ensino viram-se pressionadas a repensarem a atividade do professor em si, ao ser este central na formação dos trabalhadores demandados pelas organizações e, por fim, o agente a ser transformado no *entertainer* requerido

pelos clientes-alunos consumidores de aulas-show.

A mescla entre as alterações ocorridas nas diretrizes da educação superior no Brasil; a lógica mercantil que passou a orientar a maior parte das instituições de ensino; a demanda das organizações por trabalhadores profissionalizados; os clientes-alunos que passaram a buscar o consumo de entretenimento em seu processo de formação acadêmica; o aceite do curso de Administração como um produto potencialmente rentável; e a demanda constante de jovens atraídos pelo curso de graduação, mesmo que por motivos diversos; evidenciou a emergência sobre a figura do professor, no que diz respeito à necessidade da atualização de seu papel e ação envolvidos no tipo de processo educativo requerido pelo mercado.

Então, sobre qual noção de carreira acadêmica falamos?

Ao passo que a figura do professor ganhou presença, mas no momento em que as exigências do mercado avançaram, sobremaneira, em suas atividades profissionais enquanto docentes de Administração, transferiu-se para esse profissional, em face das expectativas geradas pelos agentes de mercado, a obrigação de atender aos mais distintos interesses de indivíduos e instituições. E ao professor se instaurou a exigência de possuir além do conhecimento específico em sua área de atuação, um perfil conectado à atualidade para atender exigências das mais diversas. Chegou, portanto, o momento de demonstrar a capacidade de se adaptar às demandas, promover o ensino e sobreviver na própria carreira.

A centralidade atribuída ao professor fez com que esse profissional, para não sucumbir às novas circunstâncias de trabalho, reconfigura-se a própria noção

de carreira, vez que trilhar uma vida acadêmica em Administração passou a ser uma escolha que implicaria na vivência de um cenário de interesses alheios ao seu. Nesse sentido, ao se falar de uma carreira acadêmica, fala-se do agente que a realiza, ou seja, do professor. Ao se falar do professor, fala-se da pessoa com vocação e direção profissional para a docência. E ao se falar de uma profissão, um elemento essencial é a carreira (BERTERO, 2006). Pensar hoje sobre as carreiras acadêmicas é constatar que elas estão sendo articuladas de forma descontínua e moldadas ao acaso das mudanças e demandas enfrentadas pelos professores em seu cotidiano de trabalho.

O fato é que infelizmente parece ter havido uma diluição na noção de carreira acadêmica e na própria atividade docente em si, da naturalização de uma lógica de mercado que transpassou não só as instituições de ensino, mas a própria concepção de vida profissional do jovem professor. Essa naturalização prossegue se fortalecendo pela apatia profissional que se evidenciou na concepção de carreira dos professores frente às demandas e condições de trabalho - pouco animadoras - oferecidas pelo atual mercado. Não por acaso, a relação professor-instituição de ensino está se tornando cada vez mais fragilizada, pois prevalece o discurso de que a vida profissional é um acordo entre o professor e sua carreira e não entre ele e uma instituição.

Sobre quais direções é possível refletir?

Parece arriscado investir esforços em direção a uma carreira na qual os jovens professores são incentivados ao individualismo e a convivência em um espaço aonde são bem-vindas as concessões aos agentes de mercado e,

em contrapartida, as ponderações e/ou questionamentos já não o são, por mais que incentivar a reflexão fosse, de longe, a atividade essencial e esperada pelo exercício da docência. O que preocupa, sobremaneira, é que nesse ciclo de impactos sofridos pelos professores, a formação dos estudantes de Administração acaba sendo afetada e tendo sua qualidade comprometida.

É razoável considerar que existe uma relação entre o sistema educativo praticado e a construção de perspectivas profissionais para os indivíduos que o realizam. Chanlat (1996) é assertivo ao considerar que para que haja mudanças no futuro é necessário pensar na forma como é realizada a formação dos jovens, bem como no modo como é respeitada a figura humana enquanto indivíduo-profissional. Para tanto, é imprescindível refletir sobre as transformações que acometeram a ética do trabalho e, nessa dimensão, trabalhos como os de Legge (2006) e Wray-Bliss (2009) podem auxiliar o desenvolvimento desta reflexão. A questão central é que dar evidência ao debate sobre a questão ética cria, como aponta Chanlat (1996), um caminho capaz de driblar a exacerbada preocupação em ganhos financeiros que se instituiu como discurso predominante na sociedade contemporânea.

Mas ao se pensar sobre o profissional docente, embora o aspecto financeiro esteja presente em sua carreira por ser, afinal, uma atividade de trabalho remunerada, entende-se que o jovem ao escolher seguir esta profissão, possivelmente se imbuí de outras significações sobre essa carreira, significações essas cuja origem certamente não está centrada em aspectos de cunho financeiro. Professores são profissionais do pensamento. Escolhem realizar o seu

ofício por terem vocação (compreendida, neste caso, sob a concepção de Bendassolli (2009), ou seja, a vocação como algo que alguém realiza com alto nível de comprometimento afetivo). Também nunca é demais lembrar que o trabalho intelectual é a marca do humano (FREITAS, 2011).

Infelizmente em um contexto permeado pelo caráter mercantil da relação entre professor-instituição de ensino, na qual o indivíduo se sente sozinho e limitado (BAUMAN, 2005), se instaurou a prevalência da desconsideração pela figura do profissional docente, de modo que estamos presenciando uma relação de conveniência entre professor e instituição de ensino e, por isso, de extrema superficialidade.

O que pode ser feito?

Embora a noção contemporânea de carreira acadêmica esteja permeada pelo individualismo e uma exacerbada fragilidade dos laços sociais, é importante frisar que isto não indica, contudo, que houve uma descentralização do trabalho na vida dos indivíduos que escolheram trilhar a profissão docente. Certamente o trabalho continua um elemento estruturante da vida social (LEVINSON, 1984); central na vida dos indivíduos (BENDASSOLLI, 2006; ANTUNES, 2010); e, portanto, transcende a sua essencialidade para o ser humano tanto no plano individual como no social (HELOANI, 2003).

Entretanto, faz-se apropriado articular o debate e reflexão sobre os impactos gerados por essa noção contemporânea de carreira acadêmica, sobretudo, nos jovens professores que necessitam dar início as suas trajetórias profissionais sejam lá sob quais condições. Uma alternativa seria pensar, por exemplo,

como o jovem professor pode lidar com o contexto de trabalho mutante que vivencia. Para tanto, os aspirantes a profissão necessitam se permitirem a enxergarem por quais caminhos estão sendo trilhadas as carreiras de seus professores tidos como referência. Isto lhes servirá como uma forma de intercâmbio entre ideais projetados para uma vida profissional e as circunstâncias que, de fato, possam favorecer a sua realização.

Não se pode esquecer que os professores tidos como referência – entendidos aqui como os já consolidados na profissão - vivenciaram as mutações ocorridas na noção de carreira e no ambiente educativo que remonta, principalmente, ao início da década de 1990. Isto porque além de ser o momento em que foi estabelecida a LDB, essa fase também retrata o período das reestruturações organizacionais que, entre outros impactos, alterou a composição formal do mercado de trabalho (HARVEY, 1992; ANTUNES, 2013); intensificou o avanço tecnológico (DIANI, 1996); modificou as noções de tempo e espaço no empreender das atividades laborais (TONELLI, 2000); contribuiu para o enxugamento de pessoal nas grandes organizações (CALDAS, 2000); e incentivou a exacerbada ênfase no sujeito flexível e polivalente impondo a mobilidade como norma (GAULEJAC, 2007; FREITAS, 2009). Foi diante desses impactos que os professores experientes tiveram de descobrir novas formas de agir em seu ambiente de trabalho. Restou a eles, portanto, a necessidade de repensarem e, ao mesmo tempo, questionarem quais seriam, a partir de então, os aspectos relacionados ao ofício docente em administração que lhes demandariam uma nova postura prática para sobrevivência na própria carreira (DUARTE, 2012).

Enquanto ocorreu, em meados dos anos de 1990, a adaptação dos professores a uma nova concepção de trabalho para conseguirem realizar o seu ofício, por outro lado, os jovens aspirantes à carreira já nasceram sob essa nova concepção criada pelos efeitos da globalização. Não é descabido, pois, reconhecer que os professores experientes têm muito a contribuir para a orientação dos jovens aspirantes, no que diz respeito aos modos para se pensar e realizar o ofício acadêmico. É possível que por meio desse “jogo aberto” entre professores já consolidados na profissão e os aspirantes, dois aspectos importantes presentes na noção contemporânea de carreira acadêmica sejam amenizados.

Um deles é o fato de que será amenizada a sensação de individualismo que permeia essa noção de carreira, uma vez que o papel do professor ganhará destaque e relevância ao não obrigar os seus alunos aspirantes à docência, a enfrentarem sozinhos os impactos de seu trajeto de experimentação profissional. Outro fato é que a naturalização da apatia profissional que se evidenciou na concepção de carreira dos professores frente às demandas e condições de trabalho - pouco animadoras - oferecidas pelo atual mercado acadêmico, também será amenizada, já que não estará sendo facilitado o desenvolvimento, nos jovens professores, da dinâmica de mercado em suas concepções de carreira e que implicam, sobremaneira, em seus modos de envolvimento com o ofício. Esta ação é certamente um sinal de sabedoria dos professores mais experientes ao conseguirem evitar o fortalecimento dessa naturalização por meio do exercício de sua profissão.

A partir dessa reflexão, talvez um jovem que se proponha a construir uma

vida profissional como acadêmico de Administração, ao encarar a sua primeira turma de alunos, reconhecerá que ali está apenas começando uma carreira em um permanente cenário de mudanças. E por mais que as tensões da noção contemporânea de carreira venham se apresentando como inevitáveis, também é inevitável reconhecer que o ser humano se transforma, sobretudo, quando modifica a forma de pensar sobre as situações que se impõe em sua trajetória individual e que, portanto, o constitui em seu destino coletivo.

Referências

- ALCADIPANI, R. Academia e a Fábrica de Sardinhas. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 57, p. 345-348, 2011.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil 2**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENDASSOLLI, P. F. **Os ethos do trabalho sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. 2006. 257p. (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia – Psicologia Social - da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP), 2006.
- _____. Recomposição da Relação Sujeito-Trabalho nos Modelos Emergentes de Carreira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 4, p. 387-400, 2009.
- BERTERO, C. O. **Ensino e Pesquisa em Administração**. São Paulo: Thompson Learning, 2006.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CALDAS, M. P. Enxugamento de Pessoal no Brasil: podem-se atenuar seus efeitos em empresa e indivíduo? **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 1, p. 29-41, 2000.

CHANLAT, J. Quais carreiras e para qual sociedade? (II). **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, n. 1, p. 13-20, 1996.

DIANI, M. Individualization at work: office automation and occupational identity. In: LASH, S.; BRONISLAW, S.; WYNNE, B. **Risk, environment and modernity: toward a new ecology**. Londres: Sage Publications, 1996.

DUARTE, M. de. F. “*The One Best Way?*”: Repensando a Difusão do Management e seus Impactos em Decisões na Carreira Acadêmica em Administração. **Anais... Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Anais do EnANPAD 2012**. Rio de Janeiro – RJ, 2012.

FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

_____. O Pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1158-1163, 2011.

GAULEJAC, V. de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

HELOANI, R. **Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEGGE, K. Ethical analysis and work. In: KORCZYNSKI, M.; HODSON, R.; EDWARDS, P. K. (Eds.) **Social Theory at Work**. New York: Oxford University Press, 2006.

LEVINSON, D. J. The career is in the life structure, the life structure is in the career. In ARTHUR, M. B. (Ed). **Working with Careers**. New York: Columbia University Press, 1984.

TONELLI, M. J. **Os sentidos das máquinas: novas tecnologias e a aceleração do cotidiano do trabalho**. 2000. 173 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2000.

WRAY-BLISS, E. Ethics: critique, ambivalence and infinite responsibilities. In: ALVESSON, M.; TODD, B.; WILLMONT, H. (Eds.) **The Oxford handbook of critical management studies**. London: Oxford University Press, 2009.

*Recebido em 2013-02-05
Publicado em 2013-05-13*